

PRIMEIRA CONFERÊNCIA

(JUNG, C.G. *Fundamentos de Psicologia Analítica* Petrópolis: Vozes, 2001, volume XVIII/1)

Apresentação feita pelo Dr. H. Crichton-Miller, presidente da mesa

SENHORAS e senhores, nesta sala presto meus serviços de intermediário, exprimindo a nossa acolhida ao Professor Jung, o que, para mim, constitui um prazer muito grande. Todos nós, Professor, estivemos ansiosos, contando os dias durante meses, à espera de sua chegada. Dos que aqui se encontram, muitos esperavam por esses seminários antecipando a chegada de uma nova luz. Muitos de nós aqui viemos por considerá-lo o homem que salvou a psicologia moderna de um isolamento perigoso no campo da ciência e do conhecimento.

Alguns de nós, pela admiração e respeito à amplitude de visão com a qual o senhor conseguiu a união entre psicologia e filosofia, empresa tão condenada por certos grupos. Por seu intermédio foram reformulados o valor e o conceito da liberdade humana em termos de pensamento psicológico; o senhor nos proporcionou inúmeras e valiosas idéias, mas, acima de tudo, não desistiu de aprofundar os estudos da psique humana no ponto em que toda ciência acaba por esmorecer. Por estes e por inúmeros outros bens, que cada um de nós conheceu individual e independentemente, agradecemos-lhe e esperamos com ansiedade o que escondem esses encontros.

Prof. Jung

Senhoras e senhores, antes de mais nada, gostaria de frisar, que minha língua-materna não é o inglês, assim, se minha expressão for deficiente em algum aspecto, peço-lhes, desde já, que me desculpem.

Como é do conhecimento de todos, o meu propósito é traçar um breve esboço de certos conceitos fundamentais em psicologia. Se minha exposição concerne principalmente a meus próprios princípios ou pontos de vista, não quer isso dizer que desconsidere o valor das grandes contribuições de outros homens, igualmente dedicados a esse campo; do mesmo modo, está longe de mim a intenção de colocar-me indevidamente num primeiro plano. O que posso, isto sim, é ter a certeza de que aqueles que me ouvem têm tanta consciência quanto eu não a respeito dos méritos de Freud e de Adler.

Inicialmente, seria necessário dar uma pequena idéia do processo que orientará esse nosso trabalho. **Há dois tópicos principais a serem abordados: de um lado, os conceitos relativos à estrutura e conteúdos da vida inconsciente, e depois, os métodos usados na investigação dos elementos scénários de processos psicológicos inconscientes. O segundo tópico subdivide-se em três partes: o método da associação de palavras, o método da análise dos sonhos e, por último, o método da imaginação ativa.**

É evidente a impossibilidade de proporcionar-lhes um apanhado completo de tudo aquilo que cada um desses tópicos tão complexos possa encerrar no que se refere, por exemplo, a problemas filosóficos, éticos e sociais inerentes à consciência, coletiva de hoje. Ou ainda, às pesquisas históricas e mitológicas necessárias à sua elucidação; embora remotos na aparência, esses fatores básicos são os mais importantes no equilíbrio, no controle e nos distúrbios da condição mental do indivíduo, sendo eles, ainda, que criam a raiz da discórdia no campo das teorias psicológicas.

Não obstante minha formação médica e meu conseqüente relacionamento com a psicopatologia, tendo a certeza de que esse ramo específico da psicologia conhecerá inúmeros benefícios através de um estudo mais profundo e amplo da psique (que aqui consideramos numa acepção mais generalizada). O médico não deve jamais perder de vista o seguinte: as doenças são processos normais perturbados e nunca *entia per se*, dotados de uma psicologia autônoma. *Similia similibus curantur* é uma notável verdade da

antiga medicina e, como tal, pode, também resultar num grande engano. Assim, a psicologia médica deve prevenir-se contra o risco de tornar-se morbida. Parcialidade e estreitamento de horizontes são características neuróticas largamente conhecidas.

Tudo o que eu disser aqui permanecerá, como um torso inacabado. Lamentavelmente, trago apenas pequena quantidade de novas teorias, pois **meu temperamento empírico está muito mais ansioso por novos fatos do que pela especulação a ser feita em torno deles, embora isso se constitua, eu o reconheço, num agradável passatempo intelectual. Aos meus olhos, cada novo caso quase que**

consiste em uma nova teoria, e não estou convencido da invalidade deste ponto de vista, particularmente quando se considera a extrema juventude da psicologia que, segundo sinto, ainda não saiu do berço. Consequentemente, acredito que o tempo das grandes teorias gerais até agora não amadureceu. Parece-me, às vezes, que a psicologia ainda não compreendeu nem a proporção gigantesca de sua missão, nem a perplexidade e desanimadora complicação da natureza de seu tema central: a própria psique. É como se mal estivéssemos acordando para essa realidade, com a madrugada ainda muito obscura para compreendermos perfeitamente o porquê da psique, constituindo-se no objeto da observação e do julgamento científicos, ser a o mesmo tempo o seu sujeito, o meio através do qual se fazem tais observações. A ameaça de um círculo tão espetacularmente vicioso tem-me levado a um extremo de relativismo e cuidado, quase sempre incompreendido.

Não é minha intenção perturbar nosso relacionamento durante esses seminários, levantando opiniões e críticas inquietantes. O fato de aqui mencioná-los serve como um pedido de desculpas antecipado para confusões desnecessárias que poderão surgir no desenrolar de nossos trabalhos. O que me

perturba não são as teorias, mas, sim, um grande número de fatos. Peço-lhes que tenham sempre presente que a brevidade do tempo de que disponho não me permite o decortinamento de toda evidência circunstancial, o que seria um grande apoio às minhas conclusões. Refiro-me especialmente às sutilezas da análise onírica e do método comparativo da investigação dos processos inconscientes. Como podem notar, dependerei muito da boa vontade dos senhores. No entanto não afasto o meu propósito que é, em primeiro lugar, o de deixar as coisas o mais claro possível.

A psicologia, como ciência, relaciona-se, num primeiro plano, com a consciência; a seguir, ela trata dos produtos do que chamamos psique inconsciente, que não pode ser diretamente explorada por estar a um nível desconhecido, ao qual não temos acesso. O único meio de que dispomos, nesse caso, é tratar os produtos conscientes de uma realidade, que supomos terem-se originado no campo inconsciente, esse campo de "representações obscuras", ao qual Kant, em sua *Anthropologie*, se refere como sendo um mundo pela metade ¹

Tudo o que conhecemos a respeito do inconsciente foi-nos transmitido pelo próprio consciente. **A psique inconsciente, cuja natureza é completamente desconhecida, sempre se exprime através de elementos conscientes e em termos de consciência, sendo esse o único elemento fornecedor de dados para a nossa ação.** Não se pode ir além desse ponto, e não nos devemos esquecer que tais elementos são o único fator de aferição crítica de nossos julgamentos.

A consciência é um dado peculiar, um fenômeno intermitente. Um quinto, um terço, ou talvez metade da vida humana, se desenrola em condições inconscientes. Nossa primeira infância também se desenvolve a esse nível. **É no inconsciente que mergulhamos todas as noites, e apenas em fases entre o dormir e o despertar é que temos uma consciência mais ou menos clara e, em certo sentido, bastante questionável quanto à sua clareza.** Presume-se, por exemplo, que uma menina ou menino sejam conscientes aos dez anos de idade; entretanto qualquer um pode provar ser essa uma consciência bastante peculiar, pois poderá ser uma consciência do ego. Conheço inúmeros casos de crianças, entre os onze e os catorze anos (às vezes mais velhas) que foram subitamente atingidas por esse clarão essencial: "Eu sou". Pela primeira vez sentem serem eles próprios a experimentar, a considerar um passado, no qual se lembram de coisas acontecendo, mas não têm consciência de si próprios dentro de tais acontecimentos.

Admitamos que quando se diz "eu" não há critério absoluto para constatar se temos uma experiência de fato do que seja esse "eu". Talvez nossa compreensão do ego ainda seja fragmentária e, quem sabe, futuramente as pessoas saibam muito mais a esse respeito e integrem muito mais em si próprias o significado do ego para o ser humano do que nós. Na verdade, não se pode antever que esse processo terminará.

A consciência é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida. Ignoramos a extensão do domínio inconsciente; pela simples razão de nada se sabe... Quando dizemos "inconsciente" o que queremos sugerir é uma idéia a respeito de alguma coisa, mas o que conseguimos é apenas exprimir nossa ignorância a respeito de sua natureza... Há apenas provas indiretas sobre a existência de uma esfera mental de ordem sublime. Temos

¹ 1. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*, 1798, pt. I, livro I, secção 5.

muito pouca justificação científica que prove em última instância sua existência. A partir dos produtos desse "eu" inconsciente podemos tirar determinadas conclusões quanto a sua possível existência. Entretanto, todo cuidado será pouco para não cairmos num antropomorfismo o exagerado, pois os fatos, em sua realidade, podem ser bastante diferentes da imagem que a nossa consciência forma, deles.

Se, por exemplo; tomarmos o mundo físico e o compararmos à imagem que dele é formada pelo consciente, descobriremos todo tipo de idealizações mentais, que não existem como fatos objetivos; assim, vemos *cores* e ouvimos *sons*, mas na realidade trata-se de vibrações. O que acontece é que precisamos de um laboratório equipado com aparelhos complexos para estabelecermos um quadro desse mundo desligadamente de nossos sentidos e de nossa psique; e eu suponho que se dá exatamente o mesmo com o nosso inconsciente. Deveríamos ter um laboratório para que fosse estabelecido, através de métodos objetivos, como são as coisas em sua verdade no mundo inconsciente. Assim, essa crítica deverá nortear todo ponto de vista e a afirmação que eu fiz ao longo das conferências, quando tratar do inconsciente. Tudo será como se, e vocês nunca deverão esquecer tal restrição.

O mundo da consciência caracteriza-se sobremaneira por certa estreiteza; ele pode apreender poucos dados simultâneos num dado momento. Enquanto isso tudo o mais é inconsciente apenas alcançamos uma espécie de continuidade, de visão geral ou de relacionamento com o mundo consciente através da sucessão de momentos conscientes. É impossível estabelecermos continuamente uma imagem de totalidade devido à própria limitação da consciência. A nossa possibilidade restringe-se à percepção de instantes de existência. Seria como se observássemos através de uma fenda e só víssemos um momento isolado - o resto seria obscuro, inacessível à nossa percepção. A área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito da visão momentânea.

A consciência é, sobretudo o produto da percepção e orientação no mundo externo, que provavelmente se localiza no cérebro e sua srcem seria ectodérmica. No tempo de nossos ancestrais essa mesma consciência derivaria de um relaciona-mento sensorial da pele com o mundo exterior. É bem possível que a consciência derivada dessa localização cerebral retenha tais qualidades de sensação e orientação. Psicólogos franceses e ingleses dos séculos XVII e XVIII tentaram derivar a consciência especificamente dos sentidos, a ponto de considerá-la como um produto exclusivo de dados sensoriais; tal concepção é atestada pela velha fórmula: "*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*"². Vocês podem notar qualquer coisa parecida em modernas teorias psicológicas - Freud não deriva a consciência

de dados sensoriais, mas ele concebe o inconsciente como derivado do consciente, o que seria seguir a mesma linha do raciocínio.

Eu consideraria a questão pelo seu reverso: **coloco o inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente. As funções mais importantes de qualquer natureza instintiva são inconscientes**, sendo a consciência quase que antinatural. Ao observarmos os primitivos, veremos que eles ficam sentados horas a fio. Quando lhes perguntamos: "O que está fazendo? O que você está pensando?" eles se ofendem e dizem: "Só um doido é que pensa só ele tem pensamentos na cabeça. Nós não pensamos". Se concebem algum pensamento fazem-no antes com a barriga ou com o coração. Algumas tribos negras garantem que os pensamentos nascem na barriga, pois apenas conseguem apreender as idéias que realmente lhes perturbam o fígado, os intestinos ou o estômago. Em outras palavras: são atingidos apenas por pensamentos emocionais. As emoções e os afetos são, obviamente, sempre acompanhados por enervações psíquicas.

Os índios Pueblos afirmaram-me que todos os americanos são loucos. É lógico que fiquei um tanto espantado e perguntei-lhes por que achavam isso. "Bem, os americanos disseram que pensam com a cabeça. Nenhum homem perfeito faz isso. Nós pensamos com o coração". Esses índios se encontram exatamente na idade homérica, onde o diafragma (phren = espírito, mente) era considerado a sede das atividades psíquicas, o que significa uma localização psíquica de natureza diversa. *Nosso* conceito supõe

que nossos pensamentos emergiam de nossa digníssima cabeça, enquanto que os Pueblos derivam a consciência da intensidade dos sentimentos. Pensamentos - abstratos simplesmente não existem para eles. Por serem adoradores do Sol tentei impressioná-los com o argumento de Santo Agostinho: Deus não é o

² "*Nada existe no intelecto que não tenha antes estado nos sentidos.*" Cf. Leibniz, *Nouveaux Essais sur l'Entendement humain*, livro II, cap. I, séc. 2, em resposta a Locke. A fórmula era escolástica srcinalmente; cf. Duns Scotus. *Super universalibus Porphyryl*, p. 3.

Sol, mas o criador do Sol³. Foi-lhes impossível assimilar essa idéia, pois não conseguem ultrapassar as percepções de suas sensações e de seus sentimentos. Daí, para eles, o pensamento localizar-se no coração. Para nós, em oposição, as atividades psíquicas nada representam. Acreditamos que os sonhos e as fantasias estão localizados num subnível; há pessoas que falam de uma infraconsciência, de coisas que se localizam *abaixo* da consciência.

Essas localizações particulares desempenham um papel importantíssimo na chamada psicologia primitiva (que de primitivo não tem absolutamente nada). Se, por exemplo, estudarmos a Ioga Tântrica e a psicologia hindu, descobriremos o mais elaborado sistema de camadas, de localizações psíquicas; uma espécie de graduação de consciência que vai desde da região do períneo até o topo da cabeça. Essas camadas ou “centros” são os chamados *chakras*⁴, encontrados não apenas nos ensinamentos de ioga, mas também nos velhos tratados alemães sobre alquimia⁵, que, logicamente, não se separam dos ensinamentos hindus.

Uma consideração importante sobre a consciência é que não pode haver elemento consciente que não tenha o ego como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o ego, não atingirá a consciência. A partir desse dado, podemos definir a consciência como a relação dos fatos psíquicos com o ego.

E o que seria o ego?

É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória. Todos temos certa idéia de já termos existido, quer dizer, de nossa vida em épocas passadas; todos acumulamos uma longa série de recordações. Esses dois fatores são os principais componentes do ego, que nos possibilitam considerá-lo como um complexo de fatos psíquicos. A força de atração desse complexo é poderosa como a de um ímã: é ele que atrai os conteúdos do inconsciente, daquela região obscura sobre a qual nada se conhece. Ele também chama a si impressões do exterior que se tornam conscientes ao seu contacto. Caso não haja esse contacto, tais impressões permanecerão inconscientes.

Portanto, em minha concepção, **o ego é uma espécie de complexo, o mais próximo e valorizado que conhecemos. É sempre o centro de nossas atenções e de nossos desejos, sendo o cerne indispensável da consciência**⁶. Se ele se desintegra, como na esquizofrenia, toda ordem de valores desaparece e as coisas não mais podem ser reproduzidas voluntariamente; o centro se esfacelou e algumas partes da psique passam a referir-se a um fragmento do ego, enquanto as outras partes se ligam a outros fragmentos. Essa é a razão da mudança rápida de personalidade tão característica dos esquizofrênicos.

A consciência é dotada de um certo número de funções, que a orienta no campo dos fatos ectopsíquicos e endopsíquicos. A ectopsique é um sistema de relacionamento dos conteúdos da consciência com os fatos e dados reais do meio-ambiente, um sistema de orientação que concerne à minha manipulação dos fatos exteriores, com os quais entro em contacto através das funções sensoriais. A endopsique, por outro lado, é o sistema de relação entre os conteúdos da consciência e os processos desenrolados no inconsciente.

Primeiramente trataremos aqui das funções ectopsíquicas. Antecedendo as outras funções, temos: **a sensação, a função dos sentidos**⁷; ela seria o que os psicólogos franceses chamam *"la fonction du réel"*, a soma total de minhas percepções de fatos externos, vindas até mim por meio dos sentidos. Dentro dessa concepção, a denominação dos franceses me parece ter sido totalmente feliz. **A sensação me diz que alguma coisa é**; não exprime *o que é*, nem qualquer outra particularidade da coisa em questão.

³ In Ioannis Evangelium, tr. XXXIV, 2; cf. *Symbols of Transformation* (C.W. = Complete Works of C. G. Jung, Ed. Bollingen Series, Vol. 5, par. 162 e n. 69).

⁴ Cf. *The Realities of Practical Psychotherapy* (C.W., vol. 16, 2ª edição).

⁵ O que Jung deve ter em mente são as *melothésiae*, explicadas no seu *"Psychology and Religion"* (C.W., vol. II, par. 113, n. 5, ver também *Psychology and Alchemy*, fig. 156).

⁶ Nas últimas décadas a psicologia analítica tem a tendência de encarar o "eu" não somente a partir dele mesmo e da consciência, mas a partir do inconsciente e principalmente do arquétipo, do "self". Nesta perspectiva o "eu" consciente seria a primeira manifestação do espírito Inconsciente do "self", agora parcialmente consciente de si mesmo. Isto é, conhecendo-se a si mesmo (Cf. Jung, *Aion*, C.W. 13, Newman, 2.B.).

⁷ In. *Psychological Types*, definição n. 47.4.

A seguir, distinguimos a função do *pensamento*.⁸ Se perguntarmos a um filósofo, ele dirá que o pensamento é uma coisa extremamente complicada; portanto nunca procure um filósofo para se informar a respeito, pois ele é, por excelência, o homem que não sabe o que é o pensamento, quando todas as outras pessoas o sabem. Quando se diz para alguém: "Olhe, pense bem!", essa pessoa sabe exatamente o que se está querendo exprimir, mas um filósofo, não. **Na forma mais simples, o pensamento exprime o que uma coisa é. Dá nome a essa coisa e junta-lhe um conceito**, pois pensar é perceber e julgar (essa faculdade é chamada "apercepção" na psicologia alemã).⁹

A terceira função que distinguimos (e para a qual a linguagem comum tem uma denominação) é o *sentimento*.¹⁰ Aqui as idéias se confundem e entram em choque; todo mundo se irrita quando falo sobre o sentimento, pois segun do a maior parte das pessoas o que digo a respeito dessa função é lemantável. **O sentimento nos informa, através de percepções que lhe são inerentes acerca do valor das coisas. É ele que nos diz, por exemplo, se uma coisa é aceitável, se ela nos agrada ou não. Deve-se ainda a tal faculdade o fato de podermos ou não reconhecer certa coisa sem uma determinada reação**

sentimental. Isso se comprova em nossa vida prática; mais tarde falaremos sobre isso. Agora, o lamentável em minha opinião sobre o sentimento é que o considero, como o pensamento, uma função também *racional*.¹¹ Todo o homem que pensa está absolutamente convencido de que o sentimento jamais poderá ser enquadrado entre as coisas da razão; para eles, o sentimento é totalmente irracional. Peço-lhes, entretanto, o seguinte: tenham um pouco de calma e concordem que o ser humano não pode ser exato, perfeito em tudo. Aquele que é perfeito em seus pensamentos jamais o será quanto aos sentimentos, isso devido à própria impossibilidade de realizar as duas coisas simultaneamente; uma pospõe a outra. Consequentemente, quando se quer pensar dentro de uma linha científica e totalmente desapaixonada, deve-se colocar de lado todos os valores sentimentais, caso contrário começar-se-á a sentir que é muito mais importante pensar sobre a liberdade da vontade humana do que, por exemplo, sobre a classificação das várias espécies de piolhos. E, evidentemente se observados do ponto de vista do sentimento, os dois objetos não são diferentes apenas quanto aos fatos, mas, também, quanto ao valor.

Os valores não são âncoras para o intelecto, mas ninguém lhes pode negar a existência e nem, tampouco, que a atribuição de valor seja uma função psicológica importante. Se quisermos ter uma visão profunda do mundo, é fundamental que nela consideremos o papel desempenhado pelos valores, caso contrário cairemos em dificuldades. Para a maior parte das pessoas o sentimento parece ser totalmente irracional porque elas sentem tudo de maneira idiota: eis a razão de todo mundo estar

convencido, especialmente neste país, de que devemos controlar nossos sentimentos. Admito ser esse um bom hábito e expresse aqui a minha profunda admiração aos ingleses por essa habilidade. Não obstante os sentimentos continuam a existir, e tenho visto pessoas que os controlam surpreendentemente bem, apesar de serem muito perturbadas por eles.

Veremos agora a quarta função. Recapitulando: **a sensação diz que alguma coisa é; o pensamento exprime o que ela é; o sentimento exprime-lhe o valor. O que mais, então, Poderia existir? Pode-se acreditar que a visão do mundo se complete ao saber que as coisas são, o que são e qual o valor a elas atribuído. Há, entretanto, uma outra categoria: o tempo. Tudo tem um passado e um futuro; tudo procede de um lugar, enquanto se encaminha para outro. E é possível saber qual seja essa srce e essa destinação, a menos que se tenha o que vulgarmente é chamado "faro".** "Se suas atividades se relacionarem ao ramo artístico ou ao de venda de móveis antigos, você pode "ter um palpite" de que determinado objeto pertence a" um grande mestre de 1720; pressentindo ser esse um bom trabalho. Ou, então, não saber que ofertas terá dentro em pouco, mas ter um palpite de que a coisa será boa. **A isso se chama intuição**¹², **uma espécie de faculdade mágica, coisa próxima da adivinhação, espécie de faculdade miraculosa.**

Posso, por exemplo, não saber que meu paciente tem uma coisa extremamente dolorosa para contar, mas tenho uma "impressão" sobre a existência de seu problema. Uso essas palavras tão deficientes

porque a linguagem comum não tem termos exatos para definir esse tipo de percepção. Mas a palavra intuição faz, cada vez mais, parte da língua inglesa, e vocês são muito lenzes, pois em outras línguas a

⁸ Ibid., Def. 53.

⁹ Ibid., Def. 5.

¹⁰ Ibid., Def. 5.

¹¹ Ibid., Der. 44.

¹² Ibid., Def. 35.

palavra nem existe. Os alemães nem mesmo conseguem fazer uma distinção lingüística entre sentimento e sensação. Em francês é diferente; se você fala francês, possivelmente, não pode dizer: "J'ai un sentiment dans l'estomac", aqui a palavra teria de ser "sensation". Em inglês existem os dois termos que estabelecem a diferença entre sensação e sentimento, mas é muito fácil misturar, na linguagem comum, sentimento com intuição. Por isso, é aconselhável que se mantenha sempre a maior clareza quanto ao seu uso, para se estabelecer uma distinção na linguagem científica. Devemos definir o que estamos pensando ao enfrentar certos termos, ou então cairemos numa linguagem ininteligível, o que sempre resulta em desastre, especialmente em psicologia. Numa conversa normal é provável que dois homens pensem em coisas diversas ao empregarem a palavra sentimento. Há, por exemplo, muitos outros psicólogos que usam a palavra *sentimento*, definindo-a como uma espécie de pensamento truncado. "O sentimento nada mais é do que um pensamento inacabado" — eis a definição de um psicólogo bastante conhecido. Mas o sentimento é em si próprio genuíno, é uma função, é real, e tanto o é, que existe no mundo um nome para ele. A mente instintiva e natural sempre concebe um nome para as coisas dotadas de existência real. Só psicólogos inventam nomes para as coisas que não existem.

A última função definida, **a intuição, parece ser bastante misteriosa e vocês sabem que eu sou muito "místico", como se diz por aí. Bem, essa então é uma das minhas "quedas" pelo místico. A intuição é a função pela qual se antevê o que se passa pelas esquinas, coisa que habitualmente não é possível.** Entretanto encontramos pessoas que azem isso e acabamos acreditando nelas. É uma função que normalmente fica inativa se vivemos trancados entre quatro paredes, numa vidinha de rotina. Mas se trabalharmos na Bolsa de Valores ou na África Central, então esses "palpites" e "impressões" serão as mais eficazes armas de trabalho. É impossível prever, por exemplo, se, ao passar por um arbusto, toparemos com um leão ou um tigre — mas podemos ter uma "impressão", e isso é o que, no fim de contas, pode salvar a pele. Através desse exemplo, se vê que as pessoas normalmente expostas a condições naturais têm que se valer constantemente da intuição, assim como aqueles que se arriscam num campo desconhecido e os que são pioneiros em qualquer empreendimento. Inventores bem como juízes são auxiliados por ela. Sempre que se tiver de lidar com condições para as quais não haverá valores preestabelecidos ou conceitos já firmados, esta função será o único guia.

Tentei descrever tudo da melhor maneira possível, mas pode ser que as coisas não tenham ficado tão claras. **O que quero dizer é que a intuição é um tipo de percepção que não passa exatamente pelos sentidos; registra-se ao nível do inconsciente, e é onde abandono toda tentativa de explicação**

dizendo-lhes: "Não sei como isso se processa". Não sei o que se passa quando um homem se inteira de fatos como etc, em absoluto, não tem meios de conectar. Não consigo dizer como coisas acontecem, entretanto a realidade aí está, e tais fenômenos são comprovados. Sonhos premonitórios, comunicações telepáticas, etc., são propriedades da intuição. Continuamente, venho presenciando esses fatos, e estou convencido de sua existência. Entre os primitivos, eles ocorrem com frequência, e se prestarmos atenção, registraremos em todo lugar percepções que, de certa forma, trabalham através de dados subliminares, como percepções sensoriais tão sutis que escapam à nossa consciência. Às vezes, por exemplo, na criptomnésia (N. da T.: Processo parapsicológico que ativa, na consciência, fatos esquecidos, depositados em camadas profundas do inconsciente), algo irrompe na consciência. Captamos uma palavra que lhe provoca determinada sugestão mas, permanecendo inconsciente até o momento de sua irrupção; eis por que ela se apresenta como se tivesse caído do céu. Os alemães denominam *Einfall* a esse fenômeno: qualquer coisa que despenca do alto sobre nossa cabeça. Eventualmente o seu afloramento adquire características de revelação. mas, na realidade, a intuição é um fator dos mais naturais, dos mais normais e necessários pois nos coloca e contacto com o que não podemos perceber, pensar ou sentir, devido a uma falta de manifestação concreta. Vejamos: o passado já não existe e a realidade do futuro não é tão manifesta quanto o possamos imaginar; aí está por que devemos agradecer aos deuses pela existência de uma função que esclarece um pouco sobre coisas que se

escondem por trás das esquinas. Médicos freqüentemente surpreendidos por situações imprevistas e sem antecedentes, têm que contar com o auxílio desta função cheia de mistérios, sobre a qual repousa um grande número de diagnoses perfeitas.

As funções psicológicas são controladas habitualmente pela vontade (ou pelo menos assim o esperamos, pois temos medo de tudo aquilo que se move por conta própria). Quando as funções são controladas elas podem ser postas fora de uso; podem ser suprimidas, selecionadas, aumentadas de intensidade, dirigidas por uma intenção. Porém com frequência, muito grande, podem agir de modo

autônomo, escapando-nos ao controle. Aí elas agem, pensam e sentem em nosso lugar; como eu disse isso acontece com frequência e não podemos interromper um processo desses depois de iniciado. Ou então, as funções agem de maneira tão inconsciente, que não sabemos o que aconteceu embora nos deparemos, por exemplo, com o resultado de um processo emocional desenvolvido a um estágio inconsciente. Depois alguém poderá provavelmente dizer: "Ah, você estava tão bravo, ou estava tão ofendido que fez tais e tais coisas". Talvez a pessoa esteja totalmente inconsciente a respeito do que sentiu, não obstante aquelas coisas tenham realmente acontecido. As funções psicológicas, como as funções sensoriais, são dotadas de energia específica. Não se pode anular um sentimento ou uma sensação (ou qualquer das quatro outras funções). Ninguém pode dizer: "Eu não vou sentir" pois o sentimento surgirá inevitavelmente. Uma pessoa não pode afirmar: "Eu não vou pensar, pois a energia específica particular de cada função tem expressão própria, e não pode ser substituída".

Logicamente, cada um de nós tem suas preferências, os dotados de bom raciocínio preferem pensar sobre as coisas que se adaptam através do pensamento. Outros, cuja função sentimento é particularmente bem desenvolvida, possuem boa comunicabilidade, demonstrando grande senso de valores; são verdadeiros artistas em criar situações que envolvam sentimento e em viver tais situações. Ou ainda, um homem com agudo senso de observação objetiva irá valer-se principalmente de sua sensação, e assim por diante. É a função dominante que dá a cada indivíduo a sua espécie particular de psicologia.

O homem que age dirigido preponderantemente pelo intelecto constitui um tipo inconfundível, e a partir de seu traço dominante pode-se deduzir qual seja a condição de seu sentimento. Quando o pensamento é a função superior, o sentimento só poderá ser a inferior.¹³ A mesma regra se aplica às outras funções. Vou mostrar isso aos senhores através de um diagrama que esclarecerá o que estamos tratando.

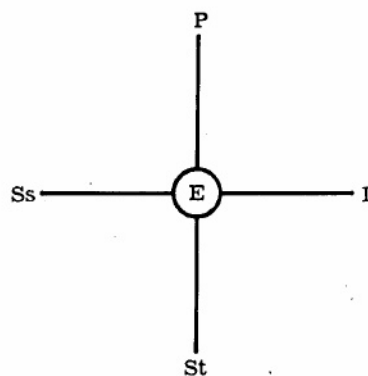


Fig. 1 — As Funções

Eis a chamada cruz das funções (Fig. 1). **No centro está o ego (E) dotado de certa quantidade energia disponível, que é a força da vontade.** No caso do tipo pensamento essa força será canalizada para o raciocínio, para o pensamento (P), então, sentimento (ST) será colocado no extremo oposto, sendo nesse caso a sua função relativa inferior.¹⁴ Isto se deve ao fato de que, ao pensarmos, excluimos o sentimento. E devemos mesmo deixar o sentimento e seus valores de lado, quando pesamos, pois eles são uma sobrecarga para o pensamento. Entretanto, os que se guiam pelos valores, não se valem do lamento, no que estão certos, pois as duas funções são igualmente ativas e diferenciadas, mas não posso acreditar,

¹³ Ibid., Def. 30.

¹⁴ Ibid.

pois nenhum indivíduo possui os dois opostos agindo simultaneamente no mesmo grau de desenvolvimento.

O mesmo se aplica à sensação (Ss) e à intuição (I). De que maneira elas se afetam mutuamente? É impossível exagerar através de paredes quando se observa fatos meramente físicos. Se prestarmos bastante atenção em um homem que trabalha com as percepções sensoriais, veremos que as linhas de direção de seus olhos têm a tendência de convergir, de encontrar-se num determinado ponto; ao mesmo tempo, a expressão ou o olhar da pessoa intuitiva apenas cobre a superfície das coisas. Ela não o lha fixamente, mas globaliza os objetos num todo, e entre as muitas coisas que percebe, estabelece um ponto na periferia do campo de visão, e isto constitui o pré-sentimento, "o hunch" segundo os americanos. Com bastante segurança é possível dizer, a partir dos olhos de uma determinada pessoa, se ela é intuitiva ou não. É inerente ao caráter do intuitivo o não prender-se à observação de detalhes; ele sempre busca apreender a totalidade da situação, e então, repentinamente, qualquer coisa emerge dessa globalização. Se você pertence ao tipo sensação, é comum que observe os fatos em sua realidade imediata, mas a intuição não o orientará, devido à incompatibilidade de atuação simultânea particular às duas funções.

A dificuldade está em que o princípio de uma exclui o da outra; eis por que as apresento aqui como opostos.

Bem, por este simples diagrama poderemos chegar a muitas conclusões importantes sobre a estrutura de determinada consciência. Se, por exemplo, o pensamento é altamente diferenciado, comprovaremos que o sentimento é indiferenciado. O que significaria isso? Que tais pessoas não têm sentimento? Não, eu diria ser exatamente o contrário; pessoas do tipo pensamento, freqüentemente, afirmam: "Tenho sentimentos fortes, sou muito emocionável, sou um temperamental". Na verdade eles se colocam sob o fluxo poderoso de suas emoções, são tomados por elas e, às vezes, vencidos. A vida particular de professores, por exemplo, constitui estudo interessantíssimo; se você quiser informações completas sobre a vida de um intelectual em sua casa, pergunte à sua esposa, e ela terá grandes histórias para contar.

O reverso é igualmente válido para o tipo sentimental; se agir com naturalidade, ele jamais permitirá que o aborçam com pensamentos ou raciocínios; mas se por acaso for sofisticado ou um pouquinho neurótico, será perturbado por certo tipo de idéias. É que aí o pensamento surge de maneira compulsória e o indivíduo não consegue livrar-se dele. Normalmente esse tipo é um fulano agradável, apesar de apresentar idéias e convicções extraordinárias e um pensamento de qualidade subdesenvolvida.

Ele é virtualmente tomado por tal modo de pensar, sendo enrolado por suas elucubrações; não pode desvincular-se por não poder raciocinar nem ter flexibilidade de idéias. Por outro lado, "um intelectual, ao ser dominado por seus sentimentos, diz: "Eu sinto assim, e pronto!" E contra isso não há argumentos. Apenas quando tiver sido literalmente escaldado, ele voltará a si novamente; é impossível fazê-lo raciocinar sobre seus sentimentos, e se tal fosse possível, surgir-lhe-ia a consciência de ser um homem bastante limitado.

O processo é o mesmo com referência aos tipos *sensação* e *intuição*. O intuitivo sempre se irrita quando colocado em à realidade concreta; do ponto de vista da realidade, ele quase sempre fracassa, por situar-se fora das possibilidades da vida. É aquele homem que planta um campo, e antes que a esteja madura, já lança novo plantio. Deixou muitos campos arados para trás, sempre com novas esperanças à frente, sem que nada surja de verdadeiro. Por sua vez, o tipo sensação está ligado às coisas. Fixa-se numa determinada realidade e a coisa só lhe parece verdadeira quando dotada de existência real, concreta. Imagine o que sente o intuitivo ante um dado concreto; para ele, aquela é exatamente a coisa errada: "Não pode ser isso, tem que ser qualquer outra coisa". quando a um indivíduo do tipo sensação falta uma realidade concreta de apoio, por exemplo: quatro paredes para se fixar, parece que o mundo desaba. Dê ao intuitivo quatro paredes viver e a sua única preocupação será um jeito de fugir pois para ele a situação de fato é uma prisão que deve ser destruída o quanto antes, para poder lançar-se à busca de possibilidades.

Tais diferenças desempenham papel na psicologia prática. Não vão imaginar que eu esteja enquadrando as pessoas, dizendo: "Ele é um intuitivo", ou "Ele é do tipo sensação". É muito comum me perguntarem: "Fulano de 'Tal' não é do tipo racional?" Minha resposta costuma ser: "Nunca pensei a respeito". E na verdade não o diz, pois **não adianta colocar as pessoas em gavetas de diferentes rótulos**. Entretanto, quando se dispõe de um largo material empírico, são necessários princípios de ordem e de crítica para que se proceda a uma classificação. Espero não estar exagerando, mas é para mim extremamente importante criar uma ordem em meus experimentais, especialmente quando as pessoas

estão preocupadas e confusas, ou quando se tem de explicá-las umas às outras. Se você tiver de explicar uma esposa a seu marido, e vice-versa, esses critérios objetivos são sempre muito valiosos, caso contrário, a coisa continua indefinidamente no campo do "Ele me disse" ou "Ela me disse".

Via de regra a função inferior não é consciente nem diferenciada, não podendo sempre ser manobrada pela intenção e pela vontade. Aquele que é realmente um pensador pode dirigir seus pensamentos, bem como controlá-los; não é escravo de idéias, podendo sempre conceber saídas novas para os problemas. ele tem o dom de dizer: "Posso pensar qualquer coisa totalmente oposta, posso pensar no oposto dessa hipótese". enquanto o tipo sentimento, isso é vedado por não poder desvencilhar-se de seu pensamento. O pensamento o fascina, eis por que ele o teme; a verdade é que o pensamento o possui, escravizando-o. O intelectual tem medo de ser tomado pelos sentimentos por serem eles de qualidade arcaica e em seus domínios ele próprio é um homem arcaico [N. da T.: Jung dá essa qualificação num sentido amplo, ou seja, o do mundo dos arquétipos. *Archetypos* e *Archaicos* têm a mesma raiz], uma vítima abandonada à força de seus sentimentos. Essa é a razão do homem primitivo ser extremamente

polido; toma o máximo cuidado para não ferir os sentimentos de seus companheiros, pois seria perigoso. Muitos de nossos costumes são explicados através dessa polidez arcaica: não é bom costume, ao cumprimentar alguém, apertar-lhe a mão direita enquanto se mantém a esquerda no bolso ou nas costas, pois é necessário provar que não leva nenhuma arma escondida. A saudação oriental de curvar-se com as palmas das mãos abertas e estendidas para cima significa: "Não trago nada nas mãos". No cumprimento chinês de homenagem e respeito (Kao-tao), ajoelha-se tocando o solo próximo aos pés da outra pessoa com a testa, e o significado do gesto é que a criatura se apresenta sem defesa em frente à outra, e tem nela confiança total. **Se estudarmos o simbolismo dos costumes primitivos veremos que a sua base principal é o medo do outro. Do mesmo modo tememos nossas funções inferiores;** se toparmos com um intelectual típico, realmente apavorado ante a possibilidade de apaixonar-se, poderemos julgar que seu medo é ridículo. Mas, muito provavelmente, ele é quem está certo, pois bem pode acontecer que faça uma grande besteira ao apaixonar-se. Com toda certeza ele será manietado, pois o seu espírito só reage a um tipo inferior e arcaico de mulher. Essa é a razão de muitos intelectuais se casarem em tais condições. As vezes (a história nos dá abundantes exemplos), são os "fisgados" pela locatária de seus quartos ou pela cozinheira, exatamente por não terem consciência do sentimento subdesenvolvido, que os levou a serem dominados. Portanto, esse medo tem plena justificativa: Para eles o sentimento é uma fonte de perturbações. Ninguém pode atacá-los através do intelecto; aí eles são fortes e se movem à vontade, mas

podem ser influenciados, paralisados, enganados em suas emoções; e eles o sabem. Portanto nunca force os sentimentos de um homem, caso ele seja um intelectual; ele os controla com mão de ferro por saber que o perigo aí é grande.

Essa lei é aplicável a cada uma das funções; a inferior está sempre associada a uma personalidade arcaica, e em seus domínios somos todos primitivos. Em nossas funções diferenciais somos sempre civilizados e presume-se que aí tenhamos livre movimentação, o que é impossível quando se trata das funções inferiores. Lá existe uma ferida aberta, por onde qualquer coisa pode entrar.

Agora vamos tratar das funções endopsíquicas da consciência. Os pontos que acabamos de tratar regem ou auxiliam nossa orientação consciente no relacionamento com o ambiente, mas não se aplicam às coisas situadas, por assim dizer, abaixo do ego, que é apenas um segmento de consciência flutuando num oceano de coisas obscuras. As coisas obscuras são as interiores. Nesse lado sombrio há uma camada de dados psíquicos que formam uma espécie de moldura de consciência à volta do ego. Vamos ilustrá-lo através de um diagrama (Fig. 2).

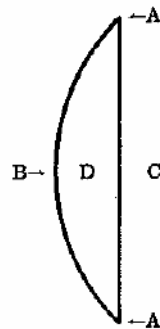


Fig. 2 — O Ego

Se admitirmos AA como linha divisória da consciência, teremos, então, em D um setor consciente que se refere ao mundo ectopsíquico B, área regida pelas funções psíquicas que acabamos de abordar. De maneira oposta, em C, situa-se o *mundo das sombras*. Ali o ego se torna ligeiramente obscuro, não enxergamos e tornamo-nos um enigma aos nossos próprios olhos. Conhecemos o ego apenas em D, nunca em C. Aqui sempre surgem coisas novas a nosso respeito; quase todo ano aparece um fato que desconhecíamos. Sempre nos julgamos no ponto, final de nossas descobertas, mas isso nunca acontece. Descobrimos que somos assim, mas que temos inúmeras facetas, por vezes, nos deparamos com experiências surpreendentes; que prova existir sempre uma parte de nossa personalidade que ainda permanece inconsciente, que ainda se encontra em mutação, ainda indeterminada, ainda em gestação. Entretanto, a personalidade que irá surgir, dentro de um ano, já existe em nós, somente que no lado obscuro. O ego se parece a uma moldura que se move sobre um filme: a personalidade futura ainda não encontra no campo de visão, mas vamos gradativamente nos aproximando até que o ser futuro seja totalmente visualizado. Tais potencialidades pertencem ao lado obscuro do ego; sabemos o que fomos, mas ignoramos o que seremos.

A *primeira função do lado endopsíquico* é a *memória ou reprodução*, que nos liga aos fatos enfraquecidos na consciência, aos dados que se tornaram subliminares ou que foram reprimidos. O que denominamos memória é a faculdade de reproduzir conteúdos inconscientes e é a primeira função a ser claramente distinguida no relacionamento entre a nossa consciência e os conteúdos que realmente não se encontram visíveis.

A *segunda função* constitui um problema mais difícil. Estamos em águas profundas, e começamos a entrar na escuridão. Inicialmente vou dar aos senhores o nome da função: *componentes subjetivos das funções conscientes*. Espero conseguir expressar-me com clareza. Quando, por exemplo, encontramos um homem que não vemos há muito tempo, logicamente concebemos um pensamento a seu respeito. Nem sempre pensamos coisas que possam ser ditas imediatamente; talvez admitamos fatos que não sejam verdadeiros, que não se apliquem à pessoa. Obviamente são relações subjetivas que também se dão em relação a coisas e situações. **Toda aplicação de uma função consciente, trate ela de qualquer objeto, é sempre acompanhada de reações subjetivas, mais ou menos inadmissíveis, injustas ou imperfeitas.** Estamos dolorosamente conscientes que tais coisas se desenrolam em nós, mas ninguém admite com facilidade estar sujeito a tais fenômenos. Preferimos deixá-

los na obscuridade, pois isso nos ajuda a pensar que somos perfeitamente inocentes, agradáveis e honestos, apesar de um pouquinho exigentes; os senhores conhecem bem todas essas frases. Na verdade tudo isso é fantasia, pois temos um grande número de reações subjetivas, não sendo nada elogioso admiti-las. A essas reações ou denomino componentes subjetivas. São partes muito importantes das relações com a nossa própria interioridade, onde as coisas se tornam realmente dolorosas. Eis por que nos desagrada entrar nesse mundo sombrio. Não gostamos de admitir nosso próprio lado de sombras. Muitas pessoas, em nossa sociedade civilizada, perderam sua sombra,

livraram-se dela, tornando-se apenas bidimensionais: perderam a terceira dimensão e, geralmente, com ela o próprio corpo. O corpo é amigo mais duvidoso, por produzir coisas de que não gostamos; a inúmeros fatos a ele relativos que não podem mesmo ser mencionados. Por isso ele frequentemente se presta à personalidade do lado sombrio do ego. Às vezes representa o "esqueleto escondido no armário", e todo mundo, naturalmente, quer ver-se livre disso. Creio que se esclareceu suficientemente o que desejo expressar com a denominação *componentes subjetivos*. São normalmente uma tendência a reagir de determinada maneira, sendo que ao mesmo tempo a disposição não lhe é favorável.

Há uma exceção para essa regra: aquela pessoa que não está vivendo seu lado positivo, como se supõe que estejamos todos: o tipo que vive entrando em tudo com o pé esquerdo. Há certos indivíduos que denominamos "Pechvogel", em nosso dialeto suíço (pitch-birds seria uma tradução aproximada para o inglês), "desajeitados" em português. Sempre se metem em complicações porque vivem sua própria sombra, sua negação. Aquela pessoa que chega tarde a um concerto ou conferência e, devido a sua grande modestia, ou porque não deseja perturbar os outros, entra cautelosamente no final, mas tropeça numa cadeira com grande ruído atraindo a atenção de todos. Estes são os "pitch-birds" (os desajeitados).

Chegamos à terceira componente endopsíquica, que não posso classificá-la exatamente como função. No caso da memória pode-se falar em função, mas a própria memória é função controlável ou voluntária apenas até determinado grau; normalmente ela é cheia de truques, assemelha-se a um cavalo ruim que não se deixa guiar. Recusa-se sempre da maneira mais embaraçosa. E nem é bom falar quando no seu relacionamento com as reações e componentes subjetivos. Agora, então, o quadro começa a piorar, pois chegou a vez de tratarmos das **emoções e dos afetos**. Logicamente não se encontram mais funções, mas sim, acontecimentos, pois numa emoção, como a própria palavra o sugere, somos empurrados, arremessados. **O ego decente se anula, sendo substituído por alguma outra coisa.** É comum que se diga: "Ele está fora de si", "Está com o diabo", ou "O que foi que te deu hoje?", pois a pessoa em tal estado encontra-se como que realmente possuída. O primitivo não diz que sua raiva ultrapassou todas as medidas, diz que um espírito o tomou e o transtornou por completo. Algo semelhante se dá com as emoções; somos simplesmente possuídos, tornamo-nos irreconhecíveis e o nosso autocontrole desce praticamente a zero. **É a condição em que o lado oculto do homem o domina, e ele não pode impedir que isso aconteça; pode serrar os punhos e agüentar quieto, mas não consegue fugir do ataque.**

O quarto fator endopsíquico importante é o que eu denomino *invasão* quando o lado obscuro, o inconsciente tem domínio completo e irrompe na consciência. O controle consciente é

totalmente debilitado. Tais momentos não devem necessariamente ser classificados como patológicos, a não ser no velho sentido da palavra, quando patologia significava a ciência das paixões. Na verdade essa é apenas uma condição extraordinária, em que **o indivíduo é tomado pelo inconsciente, podendo-se então esperar dele as coisas mais inabituais.** Pode-se perder a cabeça de maneira mais ou menos normal; não podemos tomar por anormais certos casos bem conhecidos por nossos ancestrais, porque esses mesmos casos são perfeitamente comuns entre os primitivos. Eles os atribuíam a um demônio, a um encosto ou a um "espírito" que tomou o indivíduo, ou, ainda, ao fato de terem sido abandonados por uma de suas almas — normalmente o primitivo julga ter até seis espíritos. Quando isso acontece, a pessoa fica subitamente alterada, por encontrar-se privada de si própria, sente-se perdida. O fenômeno pode ser observado em pacientes neuróticos. Em certos dias, em certos intervalos, de repente perdem sua energia, eles se perdem, ficando sob influência estranha. O fato não é em si patológico; pertence à fenomenologia humana mais comum, mas estaremos certos de pensar em neurose se as crises se tornarem habituais, pois são coisas que realmente conduzem à neurose (constituindo condição excepcional entre pessoas normais). Apresentar emoções denominadoras não é em si patológico; é apenas indesejável. Não devemos atribuir o termo patológico a um dado, apenas por ele ser indesejável, porque há no mundo muitas coisas desagradáveis que não são patológicas, como por exemplo, os cobradores de impostos.

DISCUSSÃO

Dr. J. A. Hadfield

Em que sentido o senhor usa a palavra *emoção*? Coincide com o uso normal do termo sentimento? O senhor atribui algum significado especial à palavra *emoção*?

Prof. Jung

É ótimo que se tenha colocado essa questão, pois normalmente surgem grandes confusões e mal-entendidos quanto a seu uso. É lógico que todos têm o direito de fazer o uso que quiserem das palavras, mas na terminologia científica somos obrigados a nos ater a certas distinções a fim de não nos tornarmos obscuros. Os senhores devem estar lembrados que **me referi ao sentimento como função valorativa, sem atribuir-lhe nenhum outro significado. Estou convicto de que essa função é racional quando diferenciada, caso contrário, ela simplesmente acontece, apresentando todas as características arcaicas que se encontram na palavra "desarrazoado". Repito que o sentimento consciente é um meio de discriminar valores.**

"A palavra emocional" é invariavelmente aplicada quando surge uma condição caracterizada por enervações fisiológicas. Assim, pode medi-las até certo ponto, não em suas manifestações psicológicas, mas físicas. É bem conhecida a teoria James-Lange sobre os afetos ¹⁵. **Dou o**

mesmo significado à emoção e ao afeto. São a mesma coisa que nos toma que interfere em nós. Por ela somos carregados, atirados para fora de nós mesmos. O indivíduo fica tão alterado como se uma explosão o tivesse arremessado para fora dos limites da sua pessoa. E nesse momento existe uma condição física realmente tangível e observável. Eis, portanto a diferença: o sentimento não apresenta manifestações físicas ou fisiológicas tangíveis, ao passo que a emoção se faz acompanhar de tais alterações. A teoria James-Lange sobre o afeto diz que só acontece uma emoção quando a tal condição fisiológica é alterada. Tomemos, por exemplo, uma situação em que nos deparamos à beira de sentir raiva; temos certeza de que nos iremos enfurecer, depois sentimos o sangue subir à cabeça. Só então sentimos realmente raiva, nunca antes. Antes é apenas a antecipação mental do que está chegando, mas quando o sangue sobe, aí somos dominados pela raiva e imediatamente o corpo é afetado. E ao termos consciência de nossa fúria, ela aumenta duas vezes mais. Somente nessa hora é que mergulhamos numa emoção verdadeira. O controle só é possível no sentimento que ocorre quando estamos acima da situação, podendo dizer: "Eu gosto muito", ou "Não gosto nada de tal coisa"; tudo está quieto e nada acontece. Podemos mesmo pacificamente dar a seguinte informação a uma pessoa: "Eu te odeio". Mas quando se diz isso com rancor, então é a emoção que age. Dizê-lo calmamente não causa emoção em nós, nem no outro. As emoções são mais contagiantes, são verdadeiras desencadeadoras de epidemia mental. A multidão que, por exemplo, esteja presa de uma condição emocional, sensibiliza a todos os que nela se encontrem, não havendo possibilidade de escapar. Mas os sentimentos dos outros, em absoluto, não nos concernem, e podemos observar que o sentimento diferenciado tem efeito calmo sobre nós, o que não se dá com a pessoa dominada por uma emoção; ela nos atinge porque o fogo continuamente dela se irradia. A chama da emoção está em seu rosto. **Através de uma espécie de sincronização o sistema simpático se altera, fazendo-nos apresentar provavelmente os mesmos sinais dentro de algum tempo, o que não se dá com os sentimentos.** Estou sendo claro ?

Dr. Henry V. Dicks

Continuando essa questão, posso perguntar-lhe qual é, a seu ver, a ligação entre afetos e sentimentos?

Prof. Jung

O problema está apenas numa questão de grau. Se houver um valor obsessivamente forte, sua tendência é tornar-se emoção num dado momento, ou seja, quando atingir a intensidade suficiente para causar uma enervação fisiológica. Todo processo mental provavelmente cause

ligeiras enervações desse tipo, e são realmente tão pequenas que não há meios de demonstrá-las.

¹⁵ Teoria independentemente desenvolvida por William James e o psicólogo dinamarquês C. G. Lange. Recebe simultaneamente o nome dos dois estudiosos.

fisiológicas; trata-se do efeito psicogalvânico.¹⁵ Baseia-se na diminuição da resistência elétrica da pele sob a influência emocional, o que não se dá sob influência do sentimento.

Vou citar o seguinte fato como exemplo: fiz uma experiência com um antigo professor da Clínica, que funcionava como meu companheiro de teste num aparelho de mensuração psicogalvânica. Pedi-lhe que imaginasse algo que lhe fosse extremamente desagradável e acerca do qual eu não tivesse conhecimento. O objeto de sua imaginação deveria ser realmente doloroso. Tais experiências eram-lhe muito familiares e sua capacidade de concentração verdadeiramente poderosa. O Prof. se deteve num determinado fato, mas não se registrou alteração considerável na resistência elétrica da pele. Não surgiu o mínimo acréscimo de corrente. Aí me deu um "estalo": Naquela manhã eu observara que alguma coisa de natureza extremamente desagradável estava acontecendo com o meu chefe. "Bem, vou tentar um golpe", pensei. E disse-lhe: "Não é o caso com o Fulano de Tal?", mencionando-lhe apenas o nome. Imediatamente houve um dilúvio de emoção. A reação anterior era apenas referente a um sentimento.

É curioso que a dor histérica não cause contração das pupilas nem se faça acompanhar de enervação psicológica, apesar de ser uma dor realmente intensa. A dor física, por outro lado, apresenta essas duas características. **Podem-se experimentar sentimentos intensos sem alteração mensurável, mas tão logo surjam as alterações, o indivíduo fica possuído, dissociado: é atirado para fora de sua própria casa, que estará, então, entregue aos demônios.**

Dr. Eric Graham Howe

Pode-se estabelecer o seguinte paralelo: emoção-cognição e emoção-sentimento? Enquanto o sentimento corresponde à cognição, a emoção seria conativa?

Prof. Jung

Filosoficamente podemos denominá-los assim. Não tenho nada em contrário.

Dr. Eric Graham Howe

Posso fazer outra pergunta? Sua classificação em quatro funções, a saber: sensação, pensamento, sentimento e intuição, parece-me ser semelhante à classificação em uma, duas, três e quatro dimensões. O senhor mesmo usou a palavra tridimensional, referindo-se ao corpo humano, acrescentando que a intuição diferia das outras três por relacionar-se ao fator tempo. Corresponderia ela talvez a uma quarta dimensão? Nesse caso sugiro que a sensação corresponda à primeira dimensão; "a cognição perceptual" à segunda; "a cognição concepcional" (que talvez corresponda a sua denominação "sentimento") à terceira; enquanto que a intuição corresponderia à quarta dimensão.

Prof. Jung

O senhor pode entendê-las assim: mesmo que a intuição às vezes pareça atuar como se não houvesse os fatores tempo e espaço, pode-se dizer que ela age numa quarta dimensão. Mas convém não ir muito longe. O conceito de quatro dimensões não produz fatos. A intuição às vezes se assemelha à máquina do tempo de H. G. Wells. Os senhores se lembram daquele motor que, quando a gente se assentava sobre ele, era arremessado no tempo, e não no espaço. O veículo consistia de quatro colunas, das quais apenas três permaneciam sempre visíveis; a quarta era muito apagada por representar o fator tempo. Sinto muito, mas a intuição é algo semelhante à quarta coluna. **Existe um elemento que funciona com percepção inconsciente ou que capta as coisas por vias inconscientes, pelo menos para nós. Temos material empírico suficiente para provarmos a existência dessa função.**

¹⁵ Cf. de Jung e Peterson: Psychophysical Investigations with the Galvanometer and Pneumograph in Normal and Insane Individuals (1907); e. de Jung e Riksher: "Further Investigations on the Galvanic Phenomenon and Respiration in Normal and Insane, Individuals" (1907). Ambos a serem publicados nos Experimental Researches (vol. 2 I dos c.w.).

Sinto muito que os fatos se apresentem tão nublados. Meu intelecto bem que preferia um universo de contornos bem definidos, sem conjunções difusas. Mas existem essas teias de aranha no cosmos. Não obstante, não lhe atribuo nenhum caráter místico. É possível explicar com exatidão por que alguns pássaros voam distâncias fabulosas, ou o porquê das proezas de lagartas, borboletas, formigas e cupins? São um certo número de perguntas a serem consideradas. Considerem o fato de a água possuir a sua maior densidade a quatro graus centígrados. Por que isto? Porque a energia tem limitações quânticas? Pois bem, tais coisas são assim, não deveriam ser, mas são. É como a velha pergunta: "Por que fez Deus as moscas?" Ele fez e pronto.

Dr. Wilfred R. Bion

Naquela experiência com o Professor, por que o senhor pediu a ele que pensasse num fato doloroso e do qual o senhor não tivesse conhecimento? Há alguma importância no fato de ele saber que a outra pessoa tem conhecimento da desagradável experiência mencionada no segundo ato, e isto influi na reação emocional apresentada nos dois procedimentos que nos foram mostrados?

Prof. Jung

Sim, é evidente. Minha idéia se baseava no seguinte: quando sei que meu parceiro não sabe, então a minha reação é mais suportável. Mas quando tenho consciência de que ele também conhece o fato, então a experiência toma outro caráter, e bastante desagradável. Na vida de qualquer médico há casos que se tornam mais ou menos dolorosos quando um colega toma conhecimento deles. E eu tinha quase certeza de que se eu lhe desse a entender que eu sabia do fato, ele pularia como um foguete. E foi o que aconteceu.

Dr. Eric B. Strauss

O Dr. Jung poderia deixar mais claro por que afirma ser o sentimento uma função racional?

Para dizer a verdade não sei muito bem o que o senhor quer expressar através da palavra sentimento. Quase todo mundo com essa palavra entende polaridade como dor — prazer relacionamento — tensão, etc. Mais adiante, o Dr. Jung afirma que a distinção entre sentimento e emoção é questão de grau. Se assim é, como é que o senhor os coloca, por assim dizer, praticamente em dois lados opostos de uma mesma fronteira? Continuando, o Dr. diz que um dos critérios, ou o critério principal, é que os sentimentos não se fazem acompanhar de mudanças fisiológicas, enquanto que as emoções se fazem acompanhar de tais alterações. Experimentos levados a efeito pelo Prof. Freundlich, de Berlim¹⁶ provam claramente, creio eu, que simples sentimentos, na acepção de prazer—dor—tensão—relaxamento, são forçosamente acompanhados de mudanças fisiológicas, como alteração da pressão sanguínea, que podem agora ser testadas por aparelhos extremamente sensíveis.

Prof. Jung

É certo que sentimentos, cujo caráter seja emocional, são acompanhados de alterações mensuráveis, mas há bem claramente sentimentos que não mudam a condição fisiológica. São sentimentos de fato mentais, não apresentando natureza emocional; essa é a distinção que faço. Levando-se em consideração que o sentimento é uma função de valores, entender-se-á prontamente não ser essa a condição fisiológica. Pode tratar-se de um dado tão abstrato como o pensamento abstrato. Ninguém vai julgar ser o pensamento abstrato uma condição fisiológica. O pensamento diferenciado é racional; assim, o sentimento diferenciado é racional, apesar de as pessoas misturarem a terminologia. Precisamos de uma palavra para a atribuição de valores. Precisamos designar essa função particular como existindo separada das outras, e *sentimento* é um termo adequado. Logicamente, pode-se escolher qualquer outra palavra a gosto, bastando somente que tal fato seja mencionado. Não tenho

¹⁶ Provavelmente uma nota estenográfica de Jakob Freundlich, realizador de experiências com eletrocardiogramas; ver seu artigo em Deutsches Archiv für Klinische Medizin (Berlin), 177:4 (1934).

nenhuma objeção se a maioria dos intelectuais chegarem à conclusão de que sentimento é uma palavra muito ruim para tal objetivo. Se vocês disserem: "Preferimos usar outra palavra", cabe-lhes então a escolha de outro termo para a atribuição de valores, pois o fato valor permanece e precisamos dar-lhe um nome. Se alguém disser que sentimento é emoção, ou um fator que prova o aumento da pressão sanguínea, não colocarei objeção de espécie alguma. Afirmo apenas que não emprego a palavra nesse sentido. Se decidirem que fica proibido usar tal palavra no sentido em que a emprego, não me levantarei contra isso. Os alemães têm as palavras *Empfindung* e *Gefühl*. Ao lermos Goethe ou Schiller, veremos que mesmo esses poetas misturam as duas funções. Psicólogos alemães recomendaram a supressão da palavra *Empfindung* para designar sentimento, e propõem que se use em seu lugar *Gefühl* para valores, enquanto que a primeira designari a a categoria da sensação. Nenhum psicólogo atual diria: "O sentimento dos meus olhos, da minha pele ou de meus ouvidos". É verdade que há gente dizendo ter sentimento no seu dedo do pé ou na orelha, mas atualmente não é possível mais se servir de uma linguagem científica deste tipo. Tomando ambas as palavras como idênticas, poder-se-iam exprimir os estados mais acalorados pelo termo *Empfindung*, mas soaria exatamente como se um francês falasse sobre: "*Les sensations les plus nobles de l'amour*". Todos seriam tomados pelo riso. Soaria profundamente mal, chocante!

Dr. E. A. Bennet

O senhor acredita que a função superior permaneça consciente durante o período de depressão, no caso de um paciente maníaco depressivo?

Prof. Jung

Não diria isso. Considerando-se o caso de insanidade maníaco-depressiva, constata-se que ocasionalmente, **na fase maníaca, uma função prevalece, e na fase depressiva é sucedida por outra.** Pessoas que são vivazes, sanguíneas, agradáveis e gentis na fase maníaca, e que não pensam demais, subitamente, quando a depressão chega, tornam-se pensativas, tomadas de idéias obsessivas. Conheço diversos intelectuais de disposição maníaco-depressiva. Na fase maníaca são muito claros, produtivos, pensando livremente e de maneira bastante abstrata. A isso se sucede o período depressivo em que surgem sentimentos fixos e escravizadores. Imobilizam-se em estados terríveis; veja bem: estados e não pensamentos. Estes são logicamente pormenores psicológicos, observáveis em homens de quarenta anos, ou um pouco mais, que tiveram um tipo particular de vida; de atividade intelectual ou de valores, e subitamente essa estrutura vai abaixo fazendo surgir exatamente o seu oposto. Há casos semelhantes e atraentes. O caso de Nietzsche atesta de maneira impressionante a mudança de um tipo de psicologia para o seu oposto na idade madura. Na juventude ele foi um aforista, ao estilo francês; mais tarde, aos trinta e oito anos, estourou num ânimo dionisíaco, exatamente oposto a tudo o que já escrevera até ali. Assim falou Zarathustra pertence a esse período.

Dr. Bennet

A melancolia é extrovertida?

Prof. Jung

Não se pode afirmar exatamente isso por ser uma englobação extremamente ampla. A melancolia poderia ser tomada como condição introvertida, o que não significa uma atitude de preferência. **Quando**

se diz que uma determinada pessoa é introvertida, normalmente se pensa que ela prefere um comportamento ou hábitos introvertidos, o que não exclui, entretanto, a existência de um lado extrovertido; todos somos dotados dessa ambigüidade, caso contrário não nos adaptaríamos, não teríamos influência, ficaríamos desintegrados. Os melancólicos mergulham numa espécie de condição embrionária; eis por que eles apresentam acúmulo de sintomas físicos introvertidos.

Dra. Mary C. Luff

O Prof. Jung considerou a emoção como um fato obsessivo que possui o indivíduo. Não compreendi bem qual a distinção que ele faz entre "afeto" e "invasão".

Prof. Jung

As vezes se experimentam as chamadas "emoções patológicas"; é quando se observam conteúdos particulares jorrando em forma de emoções: pensamentos que nunca surgiram. Às vezes, pensamentos terríveis e fantasias. Algumas pessoas, quando tomadas de grande fúria, ao invés de apresentarem os costumeiros sentimentos de vingança e assim por diante, têm as mais apavorantes fantasias em que se imaginam cometendo um assassinato, cortando braços e pernas do inimigo e coisas desse tipo. **São fragmentos invasores provenientes do inconsciente e, se consideram uma emoção patológica totalmente desenvolvida, constitui realmente um estado de eclipse da consciência, ocasião em que as pessoas se tornam tremendamente furiosas, chegando a praticar atos de loucura. Isso é uma invasão. E é caso patológico; mas fantasias desse tipo podem ocorrer dentro dos limites da normalidade.** Tenho ouvido das pessoas mais inocentes afirmações assim: "Eu queria pica-lo em pedacinhos!", e a expressão verbal realmente se acompanha de fantasias sangrentas. Outros, "esmagaria os miolos" do causador de sua fúria; e imaginam fazer a sangue frio o que é dito meramente como metáfora. **Quando essas fantasias se tornam tão vivas que fazem as pessoas terem medo de si mesmas, aí se fala de invasão.**

Dra. Luff

É isto que o Senhor denomina psicose confusional ?

Prof. Jung

Não é absolutamente necessário tratar-se de psicose, nem tampouco que seja patológico. Pode-se observar tais reações em pessoas normais quando sob o arrebatamento de determinadas emoções. Certa vez, passei por um estranho e violento tremor de terra; era a primeira vez em minha vida que eu passava por isso. Fiquei dominado pela ideia de que a terra não era sólida, mas simplesmente a pele de um grande animal que se sacudia como um cavalo, imagem que virtualmente me paralisou por instantes. Depois me libertei da fantasia lembrando que tudo se passa, como dizem os japoneses, como por ocasião de um terremoto: que a grande salamandra mudou de posição, a grande salamandra que transporta a terra. ¹⁷ Com essa imagem tranqüilizei-me, pois percebi que tudo se devia ao afloramento de uma idéia arcaica na consciência; considerei o fato surpreendente mas não patológico.

Dr. B. D. Hendy

O Prof. Jung crê que o afeto, segundo sua própria definição, é *causado* por condições fisiológicas características ou que a alteração fisiológica seria, diremos, o *resultado* de uma invasão?

Prof. Jung

A relação corpo-mente constitui um problema extremamente difícil. Pela teoria James-Lange, o afeto é resultado de alteração fisiológica. A pergunta: Corpo ou psique é fator preponderante? Sempre será respondida segundo diferenças temperamentais. Aqueles que por temperamento preferem a teoria da supremacia do corpo afirmarão que os processos mentais são fenômenos da química fisiológica. Os que acreditam mais no espírito adotarão a tese contrária: o corpo é apêndice da mente e a causalidade

¹⁷ Segundo a lenda japonesa o *namazu*, peixe com dentes de gato cujo tamanho é monstruoso, carrega a maior parte do Japão nas costas, e quando está bravo sacode a cauda ou a cabeça, provocando os terremotos. A lenda é figurada com frequência na arte japonesa.

reside no espírito. A questão tem aspectos filosóficos e por não ser filósofo não posso arrogar a mim a decisão. **Tudo o que se pode observar empiricamente é que processos do corpo e processos mentais desenrolam-se simultaneamente e de maneira totalmente misteriosa para nós. É por causa de nossa cabeça lamentável que não podemos conceber corpo e psique como sendo uma única coisa.** A física moderna está sujeita à mesma dificuldade: atentemos para o que acontece com a luz! Comporta-se como se fosse composta de oscilações e ainda formada por corpúsculos. Foi necessária uma fórmula matemática muito complexa, cujo autor é M. de Broglie, para auxiliar a mente humana a conceber a possibilidade de corpúsculos e oscilações serem dois fenômenos que formam uma única e mesma realidade¹⁸. É impossível *pensar* isso, mas somos obrigados a admiti-lo como postulado.

Do mesmo modo o chamado paralelismo psicofísico forma um outro problema insolúvel. Tome-se, por exemplo, o caso da febre tifóide e suas contaminações psíquicas; se os fatores psíquicos forem confundidos com uma causalidade atingiríamos conclusões absurdas. **O máximo que se pode afirmar é a existência de certas condições fisiológicas que são claramente produzidas por doenças mentais, e**

outras que não são causadas, porém meramente acompanhadas de processos psíquicos. Corpo e psique são os dois aspectos do ser vivo, e isso é tudo o que sabemos. Assim prefero afirmar que os dois elementos agem simultaneamente, de forma milagrosa, e é melhor deixarmos as coisas assim, pois não podemos imaginá-las juntas. Para meu próprio uso cunhei um termo que ilustra essa existência simultânea; penso que existe um princípio particular de *sincronicidade*¹⁹ ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração. Talvez um dia possamos descobrir um novo tipo de método matemático, através do qual fiquem provadas essas identidades. Mas atualmente sinto-me totalmente incapaz de afirmar se é o corpo ou a psique que prevalece.

Dr. L. J. Bendit

Não pude entender bem quando a invasão se torna patológica. O Prof. sugeriu na primeira parte da conferência que isso acontece quando ela se torna habitual. Qual a diferença entre a invasão patológica, a inspiração artística e a criação de idéias?

Prof. Jung

Entre uma inspiração artística e uma invasão não há absolutamente diferença alguma; são a mesma coisa, por isso, eu evito em relação a ambas a palavra "patológica". Eu nunca diria que a inspiração artística é patológica, e por esta razão faço a mesma exceção para as invasões, pois considero a inspiração como um fato perfeitamente normal. Nada há de mal, nada de extraordinário há nele. É uma grande sorte que a inspiração ocasionalmente se manifeste nos seres humanos; ela se dá muito raramente, mas acontece. Mas é bem provável que os acontecimentos patológicos se desenrolem pelo mesmo processo; portanto temos de traçar uma linha divisória em algum ponto. Se os senhores fossem todos alienistas e eu lhes apresentasse um caso, provavelmente o diagnóstico que os senhores me dariam do paciente seria a loucura. Eu não concordaria, pois enquanto esse homem puder explicar-se e eu sentir que podemos manter um contacto, afirmarei que ele não está louco. **Estar louco é uma concepção extremamente relativa. Em nossa sociedade quando, por exemplo, um negro se porta de determinada maneira, é comum dizer-se: "Ora, ele não passa de um negro", mas se um branco agir da mesma forma, é bem possível dizerem que ele é louco, pois um branco não pode agir daquela forma. Estar louco é um conceito social. Usamos restrições e convenções sociais a fim de reconhecer-mos desequilíbrios mentais.** Pode-se dizer que um homem é, diferente, comporta-se de maneira fora do comum, tem idéias, engraçadas, e se por acaso ele vivesse numa cidadezinha da França

ou da Suíça, diriam: "É um fulano, scinai, um dos habitantes mais scinais desse lugar". Mas se trouxermos tal homem para a Rua Harley, ele será considerado doente varrido. Se determinado indivíduo é pintor, todo mundo tende a considerá-lo um homem cheio de scinaldades, mas coloque-se o mesmo

¹⁸ Louis Victor de Broglie, físico francês, vencedor do Prêmio Nobel de 1929, descobriu o caráter ondulatório dos elétrons. Ao invés de "oscilações" e "corpúsculos", os termos mais adequados seriam "ondas" e "partículas".

¹⁹ Cf. C. G. Jung. Synchronicity: An Acausal Connecting Principle (C.W., vol. 8).

homem como caixa de um banco e as coisas começarão a acontecer... Dirão que o homem é um louco consumado. Essas opiniões não passam, entretanto, de considerações sociais. Vejamos o exemplo dos hospícios: não é o aumento de insanidade que faz nossos asilos ficarem apinhados; é o fato de não podermos mais suportar as pessoas anormais, isto sim. Então parece haver muito mais loucos do que antes. Lembro-me, em minha juventude, de pessoas que mais tarde eu reconheceria como esquizofrênicas, as quais nos referíamos da seguinte maneira: "Tio fulano é um homem extremamente racional". Na minha cidade natal existem vários imbecis, mas ninguém era capaz de dizer: "Ele é tão bonzinho. .." Da mesma forma chamam-se alguns tipos de idiotas de "cretinos", derivado da expressão: *"il est bon chrétien"* (ele é bom cristão). Seria impossível dizer qualquer coisa sobre eles, mas pelo menos eram bons cristãos.

O Presidente

Senhoras e senhores, creio que devemos deixar ao Professor Jung ainda algum tempo livre nessa noite. Os nossos agradecimentos.